

Bichos I Formigas

VILÉM FLUSSER

Os Estados Unidos, (e presumivelmente também a União Soviética), gastam somas apreciáveis na tentativa de localizar seres inteligentes no cosmos, para depois comunicar-se com eles. As premissas de tal busca são aparentemente estas: devem existir tais entes, porque o cosmos é grande, e tais entes devem ser mais inteligentes que nós, porque é difícil imaginar que sejam ainda menos inteligentes. As duas são premissas um tanto duvidosas, mas servem para justificar a tentativa da espécie humana para romper a sua solidão angustiante.

Antigamente a solidão não era tão terrível. Anjos e deuses faziam amor com as filhas dos homens, os mágicos especializados em tais tarefas comunicavam-se com poderes superiores, e santos medievais conversavam animadamente com pássaros e peixes. O isolamento humano surgiu com o Renascimento. O Homem, (com maiúsculo), passou a assumir-se único sujeito do mundo, passou a assumir o mundo enquanto seu objeto, e passou a manipular o mundo científica — e tecnologicamente. Tal solidão humana é chamada elegantemente "humanismo". Os únicos contatos extrahumanos atualmente possíveis são as conversas de aposentados com cachorros e de solteironas com papagaios.

Isto é surpreendente. A espécie humana não é a única na Terra, afinal das contas. Por que gastar milhões de dólares para comunicar-se com espécies duvidosas em planetas duvidosos de Alpha Kentauri, se existem espécies indubitáveis aqui perto, com as quais ainda nem tentamos comunicar-nos? Com as formigas, por exemplo? A resposta é esta: porque pode ser fácil comunicar-se com anjos, deuses e forças superiores, (já que estes falam hebraico, grego ou nagô), e com os habitantes de Betelgueuse, (já que estes falam inglês), mas é terrivelmente difícil comunicar-se com formigas. São tão tapadas que nem sequer compreendem linguagens tão universais como é a matemática e a lógica, (aristotélica ou russeiana). Ou somos nós os tapados? Que nem sequer captamos os símbolos da dança das abelhas?

Toda comunicação inteligente é convencional, no sentido de exigir dos participantes que concordem quanto ao significado dos símbolos aos quais recorre. Se digo a um aluno: "cachorro em inglês é dog" e se o aluno responde: "não creio e não gosto disto", nunca poderei conversar em inglês com ele. Quem sabe, não são as formigas, somos nós os que se comportam como o aluno? Vale a pena tentar mudar de atitude. Quiçá as formigas têm informações, (por exemplo quanto a organização social), que valem a pena? Enquanto exemplos negativos?

Bichos-II Chimpanzés

VILÉM FLUSSER

Contemplem um chimpanzé em jardim zoológico, enjaulado. Fuma cigarro, anda em bicicleta, e come com faca e garfo. Seria espetáculo altamente educativo para alunos do curso primário, não fosse o caso de ele por vezes assumir poses francamente obscenas. Mas pode ser visitado por cursos primários não obstante isto, já que tantos alunos quanto professorinhas pretendem não conhecer os significados de tais poses. Inocência visitando inocência, espetáculo comovente.

Quem é o chimpanzé, afinal das contas? Nosso antepassado indireto, (digamos: tio-avô), e nosso parente mais próximo fora do gênero humano. Comer carne de chimpanzé seria praticamente antropofagia, e num restaurante que incluísse no seu cardápio mãos assadas de chimpanzé incorreria inclusive em dificuldades religiosas. E que embora a alma imortal fosse prerrogativa apenas da nossa espécie, (de acordo com o ensinamento das religiões ocidentais), a expressão facial chimpanzina expressa algo muito semelhante à alma, muito mais semelhante que a expressão bovina, (com licença dos hindus que porventura têm este artigo). Sem dúvida, tal semelhança perturba profundamente.

Perturba em dois sentidos. Em sentido retrospectivo, e em sentido que visa o futuro. Retrospectivamente perturba, porque ilustra o que fomos outrora, e como, a rigor, pouco mudou desde que "evoluímos". Cada um de nós tem o seu chimpanzezião bem próximo da superfície bonita que exibimos ao mundo. E perturba ainda mais, se considerarmos o futuro. Seremos nós, acaso, os chimpanzés de uma espécie futura, e seremos acaso enjaulados para o gáudio das escolas primárias dos futuros super-homens? Faremos acaso teoria dos conjuntos, filosofia moral, arte concreta e outras poses primitivas para divertir a criançada de uma espécie mais evoluída, nossa prole tardia?

A perturbação é muito justa. A nossa prole evoluída talvez não seja tão tardia quanto pensamos. Quem sabe, já existe? Quem sabe, a nossa espécie já provocou o salto "genético", e os superhomens já estão passeando entre nós, sem que nós demos conta disto? As várias máquinas cibernéticas não serão os Adão e as Evas de toda uma evolução a superar a espécie humana? Não se fala em "terceira geração" dos computadores? Quem sabe, já vivemos, sem plenamente saber disto, em jardim zoológico, e funcionamos apenas para o gáudio de tais monstros e monstinhos de bolso? Sem dúvida: boa pergunta.

Contemplem bem o chimpanzé enjaulado. Exemplo radiante de participante da sociedade de consumo. Exemplo do nosso futuro?

Bichos-III Unicornios

VILÉM FLUSSER

Embora não sejam, a rigor, animais domésticos, são, no entanto, extremamente úteis ao homem. A sua utilidade varia com o tempo. Na antiguidade o seu chifre servia, apropriadamente moido, como remédio contra todos os venenos. Na Idade média o unicórnio servia como atributo da virgindade, portanto tinha utilidade pública incontestável. No romantismo e pós-romantismo foi amplamente utilizado como tema de poesias, (embora a palavra "unicórnio" não tenha muitas rimas nas línguas latinas). E atualmente é indispensável para livros de lógica e teoria do conhecimento. Com efeito: tais livros não poderiam existir, se o unicórnio não existisse, e nem, se existisse.

Para prová-lo, tomem as seguintes sentenças: "A maçã é verde. O sangue é verde. Deus é verde. A liberdade é verde. O presente rei da França é verde. O unicórnio é verde". A primeira sentença pode ou não ser verdadeira. A segunda é falsa. Ambas têm sentido. As demais sentenças não têm sentido. Pois isto é fácil dizer-se, e fácil verificar-se, já que, ao dizermos tais sentenças, estamos suprimindo risada. Por não terem sentido tais sentenças, são ridículas e divertidas. Difícil é dizer por que tais sentenças não têm sentido.

Seria fácil se pudéssemos dizer que tais sentenças não têm sentido, porque os seus sujeitos, a saber: Deus, a liberdade, o presente rei da França e o unicórnio, não existem. Mas não podemos dizê-lo. Não se pode dizer que Deus não existe, porque seria primeiro necessário definir o termo "Deus". Coisa impossível. Não se pode dizer que a liberdade não existe, porque a sua presença ou ausência são nitidamente constatáveis. A sentença "a liberdade é verde" não tem sentido, embora a liberdade exista. Não se pode dizer que o presente rei da França não existe, sem dizer-se também, quando se está falando. Por exemplo: no século 17 existia um rei da França que estava presente, e a sentença era então provavelmente falsa, e tinha portanto sentido. Mas quanto ao unicórnio, todos estão de acordo que não existe. Portanto podemos dizer claramente porque a sentença "o unicórnio é verde" não tem sentido. O único caso nítido entre os exemplos fornecidos.

Não fosse o unicórnio, e os livros de lógica e teoria do conhecimento não teriam sentido. Não teriam sentido, porque não poderiam exemplificar o que quer dizer: "não ter sentido". Isto seria pena, especialmente para professores de lógica e teoria do conhecimento. Mas, felizmente, há unicórnio, e Sócrates é seu fiel companheiro. Assim: Sócrates é mortal, e o unicórnio é verde. Viva a cultura.

Bichos-V Gente

VILÉM FLUSSER

O que é que distingue o homem dos demais animais radicalmente, tão radicalmente que merece estudos totalmente separados da zoologia? Isto: todos os zoólogos pertencem, eles próprios, a espécie humana. Já que o Homem é o tema mais apaixonante do homem, e já que os zoólogos são homens, reservam ciências especiais e separadas da zoologia, para o estudo do Homem. Por exemplo a antropologia. E aí passam a descobrir, obviamente, que o Homem se distingue dos animais em muitos aspectos. Obviamente, porque se, em vez de antropologia, fizessem arthropodologia, descobririam que os insetos se distinguem dos animais em tantos aspectos, em quantos deles se distingue o Homem.

Todas as espécies são inteiramente distintas das demais sob certos aspectos. Não fosse assim, e não teria sentido falar-se em espécies distintas. E todas as espécies, cada qual por si, representam um ponto máximo na evolução da vida. Não fosse assim, e a espécie estaria extinta. Representam, cada qual, um ponto máximo da evolução, mas cada qual o ponto máximo de um ramo da evolução que se dirige a metas divergentes. Apenas neste sentido é o Homem o animal mais evoluído. Todos os animais existentes são, neste sentido, os mais evoluídos.

Será pois a nossa profunda convicção quanto à posição especial do Homem no contexto da vida apenas expressão do nosso chauvinismo humano? Não haverá realmente critério "objetivo" a permitir a afirmativa que somos superiores às minhocas? Estamos realmente condenados a dizer que "objetivamente" a minhoca nos supera por exemplo na capacidade de regenerar partes do corpo perdidas? Possivelmente não haja. Possivelmente a objetividade nos obriga a reconhecer que todos os animais são iguais, inclusive o homem. Animal Farm de Orwell. Mas que significa isto? Absolutamente nada.

A objetividade que se dane. Viva o chauvinismo humano, (o único chauvinismo que se justifica atualmente). Somos humanos, e nada humano nos é alheio. Cantemos o louvor do Homem, não embora seja apenas animal igual aos outros, mas porque é apenas animal igual aos outros. E não cantemos apenas o louvor dos ditos "grandes" homens. Isto seria fácil. Sophocles e Mozart dispensam nossos louvores. Cantemos o louvor da gente. Isto é o que é difícil. É difícil ver na massa uniforme, cinzenta e corriqueira dos homens que nos cercam o fato de que cada qual desses homens é potencialmente o nosso parceiro na luta contra o absurdo da vida e da morte animaliaes. É difícil, mas deve ser tentado. Não com, mas contra toda antropologia.

72
Posto Zero 25 III

Bichos-IV
O bicho de sete cabeças

VILÉM FLUSSER

Nunca compreendi por que se fala no bicho de sete cabeças como se fosse coisa do outro mundo. Posso, perfeitamente imaginar um encontro com um amigo na rua Augusta, e que tenha um cachorro de sete cabeças no braço. Um Cervo em miniatura. Flearia, é verdade, um tanto surpreso em ver tal bichinho, mas não enlouqueceria, nem mandaria ninguém a biologia das feras. Pelo contrário, logo imaginaria alguma hipótese biológica que explique o por que das sete cabeças. E não, tenho dúvida: se um bicho de sete cabeças existe, a biologia pode explicá-lo.

Um caso muito mais terrível seria este: vejo cabeça de cachorro olhando por um portão, e quando me aproximo vejo que a cabeça de cachorro tem corpo de gato. Al sim, provavelmente enlouqueceria. Ou entraria em moleiro. Ou passaria a acreditar em macumba. Porque não posso imaginar hipótese biológica que explique gato com cabeça de cachorro. E que poderia imaginar tal hipótese, devo jogar fora toda a biologia na presença de um fato observado. E, ao jogar fora a biologia, devo jogar fora também toda a ciência da atualidade, e com ela toda a cultura a qual pertence. E melhor enlouquecer que fazer isto. Ou então optar na hora por outra cultura totalmente diferente.

O chrisos é que nem todos reagiriam da mesma forma. Jornais da tarde publicam notícias de vacas dando luz a rinocerôntes, e de mulheres dando luz a bezerros e alguns se suicida, que eu saiba. A explicação disto deve ser este: a grandemajoria da população, embora pertença a cultura profundamente influenciada por ciência, ignora as regras de acordo com as quais a ciência funciona. Não sabe portanto distinguir entre acontecimentos extra-ordinários, explicações científicas, e outros, definitivamente inexplicáveis. E não sabe que, se acontecimentos definitivamente inexplicáveis realmente acontecessem, isto seria o fim da cultura que os abriga. O fim da TV, por exemplo, e o fim da cultura que os abriga. Aparentemente tal ignorância abre o campo para imaginação fértil, povoada de bichos de sete cabeças e gatos com cabeça de cachorro. Mas na realidade é um processo enormemente fantasista. Porque apenas uma fantasia, e esta tal, pode ser fértil. Imaginar, não coisas impossíveis, mas coisas possíveis, embora altamente improváveis, isto é ter fantasia. Por isto, podemos distinguir entre dois tipos de "science fiction": o tipo impossível, que é pobre e chato, e o tipo possível mas improvável, que é interessante e estimulante. A grande maioria é do primeiro tipo. A minoria que pertence ao segundo tipo é janelas para ver-se o bicho de sete cabeças que é o nosso futuro.